

Econ. Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresas engavetam projetos

Aquecimento econômico não convence e empresário investe só na manutenção do parque industrial

WANISE FERREIRA

Apesar do ligeiro aquecimento na economia, boa parte das empresas não se animou a destinar recursos para projetos novos. Com isso o Brasil deve ficar mais um ano praticamente estagnado e com a possibilidade de repetir o péssimo desempenho do ano passado, quando a taxa de investimentos foi de 15% em relação ao Produto Interno Bruto, contra uma média de 23% na década de 70. O cenário macroeconômico desfavorável continua sendo o principal fator de inibição da área produtiva, que prefere recuperar sua rentabilidade e gastar o estritamente necessário em projetos de manutenção.

“O reaquecimento econômico que estamos vendo não será sustentado sem investimentos na produção e dessa forma, caso haja continuidade da reativação, teremos mais uma pressão inflacionária”, observou Herman Wever, presidente da Siemens do Brasil. Eduardo Muzzi, diretor de assuntos legais e governamentais da Dow Química, acredita que são poucos os investimentos novos que estão entrando na economia. “Vamos ficar com o mesmo nível do ano passado, se não houver nova queda”, ressaltou. No caso da Dow, afirmou, não haverá investimento novo este ano.

Na opinião de Muzzi, impedem os investimentos a falta de definição sobre o rumo que to-



Quadro de confiança

Silvano Valentino, da Fiat: governo tem de preparar o caminho para os empresários voltarem a investir

mará a reforma constitucional, a indefinição da política econômica, que não tem projetos para o desenvolvimento, e a possibilidade da eleição de 1994. “No caso dos investimentos estrangeiros a maioria dos projetos deverá continuar sendo de manutenção”, ressaltou. Silvano Valentino, presidente da Fiat do Brasil, acha que o governo precisa preparar o caminho para que os empresários voltem a investir. Tem de garantir um quadro de confiança, disse. “Feito isso o investimento volta, nem é pre-

ciso se preocupar muito com linhas de financiamentos de longo prazo”, comentou. No caso do Grupo Fiat, segundo Valentino, há uma elevada propensão para investimentos no Brasil, principalmente em função da disputa pelo mercado de carros populares. Este ano eles deverão atingir no total US\$ 225 milhões.

Para Bernard Menciaer, vice-presidente da Associação Brasileira de Bancos de Investimentos (ABBI), que comanda o Banco Crédito Comercial de France, não há dúvidas de que serão

necessários recursos externos para dar sustentação ao desenvolvimento do País. “O Brasil não dispõe de poupança necessária para satisfazer as necessidades de crescimento econômico desejado”, reforçou. Na opinião do presidente da Siemens, Herman Wever, é imprescindível o estímulo à vinda de capital estrangeiro.

Crédito — Além da necessidade de capital externo, a discussão pela obtenção de recursos para investimentos passa também pela reformulação do sistema financeiro. Para Ivoney Iochpe, presidente do grupo Iochpe-Maxion, os bancos não assumem o risco de negociar financiamentos de médio e longo prazos. “É preciso que o sistema financeiro deixe de ser corretor de recursos do governo para se voltar para o setor produtivo”, comentou. Ele ressaltou que com o capital onerando os custos em cerca de 40%, “não existe novo projeto para uma empresa que seja viável, com uma taxa de retorno maior que essa”.

O ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko, também defende maior participação do sistema financeiro no processo de crescimento. “Não se pode admitir que o setor financeiro continue sendo um sócio privilegiado da inflação, nem se pode aceitar que a ciranda financeira faça com que esse setor se desvie de seu objetivo, que é financiar a produção.”